

A FEBRE SOBE EM EL PAO

La Fièvre monte à El Pao

Um filme de Luis Buñuel

com Gérard Philipe, Maria Félix, Jean Servais, Tito Junco, Raúl Dantés, Roberto Cañedo

França, México, 1959 — 100' | M/12



Num país imaginário da América latina, Ramón Vázquez, um idealista, está secretamente apaixonado por Inés Vargas, mulher do seu superior hierárquico, governador e director da prisão. Vargas é assassinado, provocando uma sangrenta repressão conduzida por Gual. Para Gual, Vázquez é um suspeito. Gual tenta seduzir Inés e chantageia-a, dizendo-lhe que se dormir com ele deixará Vázquez em paz. A Febre sobe em El Pao é o retrato enérgico e ácido de uma ditadura, saturado de tópicos sentimentais, e até algumas premonições, que com o passar dos anos foi ganhando novas ressonâncias.

Após *[Diário de uma Criada de Quarto]*, realizei *Simón del Desierto*, o meu último filme mexicano. Depois, Silberman e o seu sócio, Saffra, propuseram-me outro filme. Desta vez escolhi *O Monge* de Monk Lewis, um dos mais famosos romances negros ingleses. Os surrealistas prezavam este livro que tinha sido traduzido por Antonin Artaud. Já tinha pensado adaptá-lo noutras ocasiões. Cheguei a falar dele com Gérard Philipe alguns anos antes, bem como do belo romance de Jean Giono, *O Hussardo no Telhado* (uma velha atracção pelas epidemias, por todas as pestes). Acontece que Gérard Philipe, que ouvia distraidamente as minhas propostas, preferia um filme mais político. Ele acabou por escolher *A Febre Sobe em El Pao*, parece-me um tema digno e um filme bastante bem feito [...].

Luis Buñuel, O Meu Último Suspiro, Ed. Fenda, Lisboa, 2006

A FEBRE SOBE EM EL PAO

Após o triunfal êxito de *Nazarín*, Buñuel voltou a uma co-produção franco-mexicana, prevista desde os tempos de *La Mort en ce jardin*, e, como neste filme, rodada no México. Na ficha técnica alternam-se técnicos e actores das duas nacionalidades [francesa e mexicana], com predominância para Gérard Philipe, então unanimemente considerado o maior actor francês e que nesse ano morreria, apenas com 37 anos (*La Fièvre monte à El Pao* foi o seu último filme).

[...] E apesar da obra se ter estreado após a morte do actor (despertando os favores necrófilos dos seus inúmeros admiradores) o sucesso comercial foi tão reduzido quando o sucesso crítico. Para nós, portugueses, esta obra, à época proibida, ressuscitou 18 anos depois, no Festival da Figueira da Foz de 1978, e na distribuição comercial de 1981. Talvez tenhamos ganho com tão grande lapso de tempo. Se *La Fièvre* é, de facto, um dos filmes mais irregulares de Buñuel, não é tão mau como o pintam e a sua parábola política, vista nessa morna década, ganha alguns acentos de inesperada modernidade.

Porque o clima de 1960 (sobretudo o clima político, reflectido pela crítica cinematográfica) tendeu a “ler” esta obra como uma ilustração algo existencial de temas camusianos e sartreanos, ecoando parábolas existenciais do género “*o inferno são os outros*” ou as angústias dos compromissos políticos e das mãos mais ou menos sujas. Pareceu à crítica da época que *La Fièvre* era uma espécie de equivalente de *L’Engrenage* de Sartre. Ramón Vázquez, o herói fracassado que tenta mudar as coisas a partir do interior do próprio sistema e a quem a citada “engrenagem” acaba por apanhar, para usarmos terminologia sartreana, seria um “não recuperável”, da família dos Meursault ou dos Hugo, atribuição que o próprio intérprete (arquétipo desses heróis existenciais) terá reforçado.

Se, de facto, a caracterização da ilha de El Pao se aproxima das terras dos chamados existencialistas; se o comentário *off* final releva dessa moral; se toda a conclusão do filme é ideologicamente ambígua; podemos encontrar na obra, hoje, muita coisa que forçosamente escapou a leituras coevas.

[...] Todos os personagens só vivem na irrisão, a começar por Gérard Phillipe que como *voyeur* começa (na profundidade de campo) e como *voyeur* acaba, saindo do mesmo campo com uma ordem rasgada e um futuro mais que ambíguo à sua frente. Ramón Vázquez limitou-se a tirar o máximo rendimento de todos os episódios do filme, sem nunca se saber ao certo se traía o que amava ou se amava o que traía. E limitou-se, sempre, a invocar o dever, sabendo que invocando-o, como se diz no filme, se podem justificar todas as coisas. O seu destino é um destino *exemplar*, não no sentido do dos heróis divididos, mas no sentido em que, premonitoriamente, anuncia os tecnocratas da ética das décadas futuras. Em nada o personagem é uma tardia homenagem ao intelectual de esquerda, ou às “mãos sujas” dos anos 50. É o primeiro esboço do escravo de mãos limpas, de uma ordem eficiente e organizada, de onde a intenção, a consciência e o juízo foram banidos. Pode dizer-se que é o primeiro “guerrilheiro do Menino Jesus”, tal como, mais tarde, Buñuel os mostraria no seu último filme. Melodrama sem “melos” e sem “drama”, *La Fièvre monte à El Pao* é um filme singularmente ácido, dirigido com a neutralidade do jogador que sabe que nenhum jogo se esgota nem mesmo no prazer de jogar.

João Bénard da Costa, *As Folhas da Cinemateca* — Luis Buñuel
[*excerto*]